

8

Considerações finais

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.
Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.
Álvaro de Campos, *Lisbon revisited* (1923)

O que resta falar após Álvaro de Campos? Decerto que não nos cabe concluir nada, nem dar a última palavra sobre o assunto, isso seria como morrer. Cabe-nos, entretanto, perceber que o trabalho continua vivo, muito embora demande aqui um ponto final. É nesse sentido que agora se retoma o fio da meada para coser as partes que porventura ainda estejam soltas e tecer o acabamento.

No início era apenas um título interessante – *Tetrabiblos* –, um livro de quase dois mil anos, escrito por um cientista renomado, um assunto hoje considerado suspeito, mas sobre o qual pairava o assombro adolescente: que mistérios esse livro guardaria? Com o estudo e a desmistificação desses “mistérios”, produziu-se uma curiosidade: como esse livro chegou até aqui? Afinal, não é difícil imaginar a viagem longa e atribulada desde as mãos de Ptolomeu até as mais variadas versões que temos hoje disponíveis e que circulam como traduções do *Tetrabiblos*. Diante das diversas controvérsias que cercam a astrologia atualmente, foi se concretizando a questão sobre como era a prática astrológica na época de Ptolomeu e daqueles que o sucederam. Com o tempo, veio o entendimento de que essa pergunta nunca teria uma resposta definitiva, haveria apenas rastros dessa prática, rastros de livros que foram escritos e reescritos por diversas pessoas nos mais diferentes cenários. Coube-nos, pois, tecer essa história com fatos que se faziam, desfaziam e refaziam em nossas mãos, assim como Penélope diante de seus pretendentes, que, para cada tanto tecido de dia, outro tanto destecia à noite e retecia mais tarde de outro jeito.

A pergunta que acompanhou toda a trajetória desta pesquisa foi: como o *Tetrabiblos* foi transmitido ao longo do tempo e do espaço nas diversas culturas por onde transitou? O “como” é uma boa pergunta porque inclui não só os meios pelos quais ele foi transmitido, mas também em que circunstâncias. Essa pergunta inicial produziu uma série de outros questionamentos que foram norteando e especificando melhor o caminho percorrido. Para expor esse percurso, a primeira parte da presente tese apresentou as três principais matérias-primas que pavimentaram a sua escrita: o

suporte teórico, a revisão bibliográfica e o estudo do nosso objeto, o *Tetrabiblos*. A segunda parte, apetrechada com a primeira, cumpriu um trajeto que se iniciou na Alexandria do século II e se encerrou na Lisboa do século XVI.

Decerto que o *Tetrabiblos* continuou sua jornada até os nossos dias – afinal, é das suas versões atuais que partimos para fazer esta pesquisa – então por que finalizar o trabalho no período renascentista? Já falamos sobre isso no início desta tese, mas nunca é demais lembrar que essa época da história do *Tetrabiblos* é a que parecia demandar maior atenção, por ser a menos conhecida, já que os seus registros estavam espalhados nas mais diversas fontes. Foi necessário desencavá-los. Outro bom motivo é o fato de ser este também o período mais antigo, em grande parte coberto por manuscritos que se perderam e dos quais só encontramos vestígios, vagas referências que urgiam por ser reunidas. A partir do Renascimento, com a imprensa, esse problema é de certa forma diminuído, porque, além de já podermos contar materialmente com os textos dessa época que resistiram à passagem do tempo, reduziram-se também as transformações de conteúdo e autoria derivadas dos trabalhosos processos de cópias manuscritas. É como se o nosso constructo histórico que vinha se formando a passos largos diminuísse seu ritmo, apesar de continuar sendo um constructo, talvez só um pouco mais controlado. Finalmente, um fator que também nos faz parar nos anos quinhentistas é que, com o advento da ciência moderna, a astrologia, que até então andava de mãos dadas com a astronomia, começa a sua jornada de descrédito científico, junto com a cosmologia aristotélica e todo e qualquer pensamento por semelhança.

Tivemos a oportunidade, nesta tese, de propor um entrelaçamento de duas áreas normalmente distintas, os Estudos da Tradução e a Filosofia da Ciência, sobretudo a tendência mais recente dos *Science Studies*. No capítulo de fundamentação teórica, com base nesse encontro, revimos alguns conceitos e propusemos outros, como foi o caso do conceito de astrolomia para definir essa ciência antiga com dois aspectos, que só com a ciência moderna se desmembrou de fato em duas: astronomia e astrologia. Para isso, tivemos que falar um pouco da cosmologia antiga e de como ela resistiu – e ainda resiste de uma certa maneira – em certos meios. Apesar de parecer um inflacionamento do vocabulário da história da ciência, o conceito “astrolomia” foi usado nesta tese nos momentos em que ousamos, sobre ombros de gigantes evidentemente, explicitar com nossa própria voz esse amálgama. No entanto, sempre que nos referíamos a posições de outrem, tentamos manter o vocabulário usado por nossas fontes, quer fosse astronomia ou astrologia, bem como em momentos de necessária marcação da diferença entre as

duas áreas. Outro conceito proposto nesse capítulo teórico foi o de tradução científica, numa tentativa de evidenciar a sua complexidade e mostrar o viés no qual aqui nos inserimos, que é notadamente interdisciplinar. Esse conceito já carrega em si a marca da interdisciplinaridade.

Transitamos também pelas novas concepções historiográficas não positivistas e pela filosofia da linguagem de Wittgenstein, porque acreditamos que ambos subjazem nas propostas teóricas dos Estudos da Tradução e dos *Science Studies*. A noção de significado instável, mutável e que se constitui historicamente encontra-se tanto nos jogos de linguagem wittgensteinianos quanto nas zonas de troca de Paul Galison, um dos representantes dos *Science Studies*. A essa instabilidade do significado – que podemos estender a qualquer discurso ou texto e, no nosso caso, ao livro científico – podemos associar o “conceito” de palimpsesto, do texto raspado para ser substituído por outro, ou seja, das camadas que se sobrepõem ao longo do tempo, como camadas arqueológicas, ao suposto texto inicial. Note-se que acabamos de usar o termo “inicial”, em vez de “original”. Essa escolha foi proposital, posto que podemos entender o original como o conjunto das camadas, ou seja, um palimpsesto, um constructo histórico.

De fundamental importância nesta pesquisa que se encontra na interseção de várias áreas, foi a revisão da literatura especializada não só nos dois domínios oficiais desta tese – Estudos da Tradução e *Science Studies* –, mas também na área da Astrologia Helenística. A astrologia, por motivos históricos, epistemológicos e políticos que já foram desdobrados em trabalhos anteriores (Machado, 2006), não conta com um estudo sistemático no mundo acadêmico, sendo necessário fazer um trabalho hercúleo para desencavar fontes confiáveis e encontrar os rastros do *Tetrabiblos*. Nesse capítulo de revisão bibliográfica, vimos o trabalho de restauração da astrologia helenística iniciado no fim do século XIX e que até hoje conta com adeptos espalhados pelo mundo todo. De algum modo, esta tese também se filia a esse esforço, tendo se beneficiado sobremaneira com os seus resultados.

Não poderíamos seguir em frente sem apresentar o conteúdo do *Tetrabiblos*. Afinal, de que trata o nosso objeto de estudo? Fizemos isso com base nas duas edições críticas da obra que temos hoje disponíveis – em inglês e italiano –, mas também nas outras traduções não tão rigorosas, mas igualmente importantes – em francês, inglês, espanhol e português –, nos paratextos dessas traduções e na parca bibliografia secundária sobre a obra astrológica de Ptolomeu. O *Tetrabiblos*, como o nome diz,

divide-se em quatro livros, sendo que nos dedicamos com mais atenção ao primeiro livro, no qual se apresentam os fundamentos da astrologia ptolomaica, e sobretudo aos três primeiros capítulos, que é a sua fundamentação filosófico-científica.

Apresentada a obra, a revisão bibliográfica e os fundamentos teóricos em que nos baseamos para estudar essa história, passamos à segunda parte da tese, que se dedicou à história da transmissão do *Tetrabiblos* desde a sua escrita em grego, na Alexandria de Ptolomeu, até a tradução castelhana que se encontra no manuscrito 1866 da BNE e todo o contexto astrolômico e tradutório da expansão marítima. Iniciamos, assim, a identificação das camadas desse palimpsesto, tratando-as num sentido lato como reescritas, ou seja, manipulações textuais segundo as normas vigentes numa dada estrutura cultural. A tradução é um tipo específico de reescrita, mas há também o comentário, a paráfrase, a própria historiografia. As reescritas são, por assim dizer, produtos de um polissistema literário que, por sua vez, se articula com outros sistemas e polissistemas, como o sistema de literatura traduzida, o sistema de literatura científica, o sistema científico, o sistema político, o sistema religioso, entre outros, numa interação dinâmica.

Inicialmente, vimos o surgimento e as primeiras transformações do *Tetrabiblos* no polissistema helenístico. Para entender esse polissistema, vimos um pouco das histórias da Biblioteca de Alexandria, da tradução e da astrologia no contexto helenístico, e como se deu a transmissão dos textos gregos nesse cenário, sobretudo para o siríaco, nas “escolas alexandrinas”. Vimos também a história do *corpus aristotelicum* e como se tornam frágeis os argumentos de autoridade tão usados nas histórias da filosofia e da ciência. Afinal, não só Aristóteles, mas também Ptolomeu e – poderíamos generalizar – todos os autores antigos são, junto com suas obras, constructos históricos. Registramos nesse período também os comentários e paráfrases do *Tetrabiblos*, destacando-se principalmente a chamada *Paráfrase*, de Proclo.

Na sequência, viajamos para o mundo árabe, onde se fizeram as duas primeiras traduções conhecidas do *Tetrabiblos*, do grego para o árabe. Para entendermos o polissistema árabe, tivemos que adentrar no mundo do principal movimento de tradução de que temos notícia, ocorrido em Bagdá nos séculos VIII, IX e X, e do seu mais célebre tradutor: Hunayn ibn Ishaq.

Na segunda parte desse mesmo capítulo, vimos o quase tão igualmente expressivo movimento de tradução, ocorrido alguns séculos depois no polissistema ibérico. Desmistificamos a chamada Escola de Tradutores de Toledo e vimos que a

tradução se fazia em vários cantos da Península, sobretudo do árabe para o latim, mas também para o hebraico, e também do grego, do siríaco e do hebraico para o árabe e para o latim. Várias traduções do *Tetrabiblos* devem ter sido feitas nesse período, mas conseguimos mapear apenas algumas delas, tanto do árabe para o latim quanto do grego para o latim. É nesse contexto que se fazem também as primeiras traduções para os vernáculos, sendo que nosso grande achado foi o manuscrito 1866 da BNE, um manuscrito castelhano do *Tetrabiblos*, datado do século XV, mas traduzido por Juan Gil, provavelmente no século anterior.

No último capítulo desta tese, exploramos a ideia de que a astrolomia e os movimentos de tradução no medievo repercutiram na expansão marítima, instrumentalizando essa grande empreitada e ficando algumas das bases do Renascimento português. Para isso, vimos um pouco da história da língua portuguesa, passamos pelo pioneirismo do rei D. Duarte nas reflexões teóricas sobre tradução, constatamos o papel da astrolomia no desenvolvimento da ciência náutica e estudamos alguns personagens caros à História da Ciência, apesar das controvérsias historiográficas: Abraão Zacuto, José Vizinho, Duarte Pacheco Pereira, João Faras, Pedro Nunes e André do Avelar. Essas figuras raramente são lembradas pela História da Tradução, e esta tese, entre outras coisas, pretendeu contribuir para avivar essa memória.

Vimos também no último capítulo que, apesar de não termos encontrado uma tradução portuguesa do *Tetrabiblos* no período das Descobertas, a tradução castelhana de Juan Gil atende perfeitamente à nossa expectativa, sobretudo devido ao poliglótismo dos eruditos portugueses nessa época. Para finalizar, com base nas poucas referências a Juan Gil que conseguimos encontrar, construímos uma identidade provisória para esse tradutor da versão castelhana que se encontra na BNE: ele seria o astrólogo João Gil, da corte de D. João I, mencionado no *Livro da Montaria* desse soberano português.

Dito isso, consideramos encerrado por ora este trabalho, acreditando ter atingido a contento o nosso objetivo, que era demonstrar a hipótese de que o *Tetrabiblos*, como todos os livros científicos antigos que nos alcançaram, caracteriza-se por sua peregrinação e constante transformação no tempo e no espaço, revelando não só a sua historicidade – autor e obra são constructos históricos –, mas também o importante papel da tradução na área das ciências. A tradução científica, como aqui propusemos, implica a construção conceitual, a difusão e educação científicas, e também a tradução da literatura especializada.